

"Sabe mais do que um miúdo de 10 anos?"

Todos os dias a RTP 1, depois do jantar, exhibe o Concurso "Sabe mais do que um miúdo de 10 anos?", que eu não vou comentar; e que, entre outros aspectos, tem contribuído para pôr a nu a (deficiente) *numeracia* nacional (a compreensão dos números, das operações, o cálculo mental, o sentido do número, as competências essenciais). Não costumo ver senão casualmente o concurso mas, desta vez, em 16/01/08, foi tal e ligado à Matemática o que se passou que senti que tinha de registar o sucedido e enviar para a revista E&M.

No concurso era apresentada uma pergunta. Acabei por escrevê-la de memória, alguns 20 minutos depois do concurso. Por isso não garanto que esteja exactamente igual, mas estará certamente muito próxima da realizada. A pergunta era:

Como se chama uma figura que, ao ser dobrada segundo um eixo vertical, dá origem a duas figuras iguais e coincidentes?

O concorrente adulto, aparentando uns 40–50 anos, depois de pensar algum tempo (em quê?), declarou que não sabia responder. Decidiu copiar a resposta de um aluno (talvez do 5º ano?), algo que é permitido pelas regras do concurso.

Para cúmulo, a resposta foi: "Semimétrica". O apresentador, naturalmente, considerou a resposta errada.

Talvez ainda mais relevante seja o episódio final, no qual, depois de ter apresentado os acompanhantes familiares do concorrente, entre os quais o sobrinho, um jovem de 12–13 anos, o apresentador decidiu dirigir-lhe directamente a mesma pergunta. O rapaz afirmou, esboçando um sorriso, que não sabia responder.

Foi confrangedor. Como cidadão e como professor de Matemática, senti-me incomodado e interpelado a reflectir na *iliteracia matemática* dos portugueses, dos jovens e dos menos jovens...

Jão Janeiro

ES3 Padre António Vieira, Lisboa

O Sucesso no Insucesso Um Desabafo

Com este texto não pretendo discorrer sobre o insucesso em Matemática, não vou enumerar as causas que levam a tal, nem exumar culpas do insucesso em Matemática. Muitas análises têm sido feitas sobre o insucesso dos alunos que reflectem o insucesso dos professores, segundo alguns. Este insucesso, tantas vezes sublinhado estatisticamente, faz-me sofrer e por isso, tento suavizar esta dor, que não é só minha mas de todos os que diariamente trabalham com esta disciplina, através deste pequeno texto e pintar algum verde numa tela tão escura.

Acredito profundamente neste dogma "Tudo é relativo" e é nesse sentido que me debruço em especial sobre o contexto em que se faz o trabalho, o contexto de uma sala de aula ou de um grupo de alunos que o acaso juntou.

Ao longo de todos estes anos (quase 30) como professora de Matemática considerei que tinha uma vida de constante insucesso profissional, mesmo em anos anteriores (dez anos a esta parte) em que as percentagens de negativas não atingiam os valores desta era pós moderna, mas os 35% ou 30% de classificações negativas eram para mim dados que me entristeciam. Nas vezes em que 50% dos alunos com quem trabalho não atingem um nível satisfatório de conhecimentos que os levem a progredir, sem grande sofrimento, para o ano seguinte ou para uma vida futura, serei considerada uma profissional sem sucesso e já agora uma incompetente. Então pus-me a divagar, coisa própria da idade, e concluí que afinal este meu insucesso é relativo. Vieram-me à memória pequenos casos que me aconteceram e que continuam a acontecer que me têm dado ânimo para continuar e manter a alegria de ensinar.

Estes pequenos episódios, entre outros, que me proponho contar não são para me vangloriar mas para dar um pouco de ânimo aos professores deste clube tristemente famoso a que normalmente chamo "O clube dos mais de 50%".

Há uns anos uma amiga e colega de Matemática veio do Porto visitar-me e minha acompanhada da filha de 12 anos, assim acabamos no *McDonald's* para almoçar. Fomos atendidos por um ex-aluno meu que trabalhava lá mas também estudava no Técnico.

Distraída na conversa não tinha reparado nele, foi ele quem me cumprimentou delicadamente. A filha da minha amiga fazia colecção de *pins* e perguntou ao Carlos, o meu ex-aluno, onde poderia arranjar um *pin* igual aquele que ele trazia do *McDonald's*, o Carlos respondeu que já não havia mais *pins* desses, aquele era único e que também fazia colecção, entretanto tirou o *pin* e deu-lho. Esperamos pelo serviço, agora já com outro empregado, perguntámos pela conta e foi-nos dito que estava tudo pago. Chamei o Carlos e disse-lhe que não podia aceitar isso, ele respondeu: "Não se preocupe isto dá-me o maior prazer; também lhe quero agradecer pois foi com a professora que eu comecei a perceber Matemática". Fiquei muito emocionada por aquele reconhecimento simples, espontâneo e público. A minha amiga estava calada e só passado um bocadinho disse: "estou emocionada com tal reconhecimento por parte de um aluno".

O Ricardo, aluno que encontrei no 11º ano, há alguns anos atrás, começou com um teste de 4 valores e não ligava nada porque a Matemática "não era para ele". Como faço questão que todos os alunos passem pelo quadro de vez em quando, um dia o Ricardo foi ao quadro e com a minha ajuda foi fazendo o exercício. Quando acabou virou-se para a turma e disse: "Eu percebi isto". A partir daí começou a entender que a Matemática afinal era para ele. Passou no 11º ano com dez valores. Continuamos a trabalhar juntos no 12º ano, no exame nacional teve 12 valores. No início do ano lectivo seguinte fez questão de ir à escola para me comunicar que tinha entrado na Faculdade no curso de Economia.

Este ano trabalhei com duas turmas de 10º ano do Agrupamento Científico-Natural que na sua grande maioria não apresentava conhecimentos, nem *skills* (segundo os meus parâmetros) para iniciarem o ensino secundário. Serei pouco moderna quando considero que alunos que não conhecem uma linguagem mínima matemática, não são capazes de resolver sequer equações de 1º grau, não reconhecem uma inequação simples, nem percebem qual o seu significado, não sabem nada!

Os resultados do teste diagnóstico feito no início do ano lectivo indicavam que aproximadamente 76 % dos alunos demonstravam que não tinham conhecimentos mínimos para ingressarem no 10º ano. Como nunca desisto dos alunos, apostei neles, dei aulas extras de apoio. Alguns retribuíram estudando, os que tinham menos conhecimentos fizeram um grande esforço para atingir os objectivos mínimos definidos para o 10º ano, a falta de bases era profunda, alguns tinham tido sempre nível dois no ciclo anterior. A percentagem de classificações negativas do 1º período rondava os 80%, no terceiro período foi à volta de 60%, uma subida de 20% mas ainda grande insucesso! Deveremos também reparar nos 6, 7 alunos que conseguiram transitar de ano com 8 e 9 valores que não é grande base de partida mas representa algum sucesso para os que tinham grandes dificuldades.

Poderia continuar a relatar muitos mais casos de sucesso dentro do insucesso, tenho a certeza que todos os colegas terão situações semelhantes, mas escrevi isto como forma de animar a classe e sublinhar que mesmo que tenhamos dois casos por

turma, alunos que na maior parte das vezes se consideram perdidos para a Matemática, e que para além de os incentivar na busca do conhecimento necessário temos que fazer um trabalho de mentalização para que se sintam capazes e confiem nas suas capacidades, estamos a ter sucesso pois estamos a trabalhar para o sucesso desses alunos.

Não posso deixar de lembrar os bons alunos que com o seu interesse e o seu trabalho não nos deixam cair na tentação de exigir menos quer de nós quer dos alunos.

São estes pequenos grandes nada que me tem dado alento para continuar com esta profissão um pouco ingrata em que, na maior parte das vezes, se parte de um terreno "estagnado" em que pouco a pouco se consegue desbravar algumas parcelas preparando-as para um bom cultivo, para além de ter que concorrer com as novas posturas de vida, com a competição desenfreada da televisão e do computador.

Por isto tudo, meus caros colegas de Matemática, apesar de sermos politicamente, economicamente e estatisticamente um caso de insucesso profissional, considero que humanamente somos um caso de sucesso, nem que se trabalhemos só para um aluno.

Tudo é relativo, dentro deste insucesso, temos sucesso sim!

Desejo a todos um próximo ano lectivo bom, cheio de pequenos grandes sucessos.

Márcia Freire

Escola Sec/3º José Cardoso Pires

Santo António dos Cavaleiros

A Redacção reserva-se o direito de editar os textos recebidos de forma a tornar possível a sua inclusão na Revista.